

12

ECOSSOCIALISMO E SOLIDARIEDADE HUMANA

Nem mesmo uma sociedade inteira, uma nação, ou, mais ainda, todas as sociedades contemporâneas reunidas são proprietárias da Terra. São apenas possuidoras, usufrutuárias dela, e, como boni patres familias [bons pais de famílias], devem legá-la melhorada às gerações seguintes.

Karl Marx¹

Se qualquer tentativa de mudar a sociedade, e não apenas de remendá-la, é rotulada com raiva e desprezo como utópica, então, transformando o insulto em uma medalha de honra, devemos proclamar com orgulho que somos todos utópicos.

Daniel Singer²

Em Nova York, em 2012, em meio à devastação e ao sofrimento causados pelo furacão Sandy, aconteceu algo memorável. Enquanto as autoridades federais, estaduais e municipais titubeavam, milhares de pessoas juntaram-se ao *Occupy Sandy*, campanha de ajuda voluntária que forneceu alimentos, roupas e apoio às regiões mais pobres e atingidas da cidade. No auge da movimentação, cerca de 60 mil voluntários estavam trabalhando em dez

1 Karl Marx, *Capital*, v. 3 (Harmondsworth, Penguin, 1981), p. 911 [ed. bras.: *O capital. Crítica da economia política*, Livro III: *O processo global da produção capitalista*, trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2017, p. 836].

2 Daniel Singer, *Whose Millennium? Theirs or Ours?* (Nova York, Monthly Review, 1999), p. 259.

centros, em um projeto que priorizava a ajuda mútua, não a caridade – o que realmente atendia às necessidades das pessoas.

Para aqueles que imaginam que os seres humanos são movidos apenas pela ganância e pelo interesse próprio, essa manifestação de solidariedade é incompreensível. Mas, como Rebecca Solnit mostrou em *A Paradise Built in Hell* [Um paraíso construído no inferno], o que aconteceu depois do furacão Sandy acontecera muitas outras vezes antes. Em New Orleans, em 2005, por exemplo,

milhares de pessoas sobreviveram ao furacão Katrina porque netos, tias, vizinhos ou completos desconhecidos estenderam a mão para os necessitados em toda a costa do golfo e porque uma armada de barcos de comunidades vizinhas e de lugares tão distantes quanto o Texas se dirigiram a New Orleans para resgatar as pessoas ilhadas e levá-las para lugares seguros.³

Ao contrário da “minoria que está no poder e age muitas vezes de forma selvagem quando acontece um desastre”, Solnit mostra que,

após um terremoto, um bombardeio ou uma grande tempestade, a maioria das pessoas é altruísta e se engaja rapidamente no cuidado de si mesmas e das pessoas ao redor, desconhecidos e vizinhos, amigos e pessoas queridas. A imagem do ser humano egoísta, em pânico ou regressivamente selvagem em momentos de desastre não é verdadeira. Décadas de pesquisas sociológicas rigorosas sobre o comportamento diante de desastres, desde os bombardeios da Segunda Guerra Mundial até enchentes, tornados, terremotos e tempestades em todo o continente e em todo o mundo, mostraram isso [...].

As emoções positivas que surgem nessas circunstâncias pouco promissoras demonstram que os laços sociais e a realização de um trabalho relevante são profundamente desejados, prontamente improvisados e intensamente gratificantes.

Em tempos normais, “a própria estrutura de nossa economia e de nossa sociedade impede que esses objetivos sejam alcançados”. Mas essas “utopias onipresentes e fugazes, que não são impostas nem contraculturais,

3 Rebecca Solnit, *A Paradise Built in Hell: The Extraordinary Communities that Arise in Disaster* (Nova York, Penguin, 2010), p. 1.

mas universais”, mostram que outro mundo é possível⁴. Elas prefiguram a “sociedade solidária” que Michael Lebowitz descreve em *The Socialist Alternative* [A alternativa socialista].

Construir uma sociedade solidária significa ir além de nossos interesses particulares – *ou, mais precisamente, entender que nosso interesse particular é viver em uma sociedade na qual todos tenham direito ao pleno desenvolvimento humano*. Isso significa que temos como premissa o conceito de comunidade humana.⁵

A possibilidade de construirmos esse tipo de sociedade é um motivo de esperança no Antropoceno.

O PROBLEMA DO TEMPO

Quanto tempo temos? Em quanto tempo as emissões devem ser drasticamente reduzidas para evitarmos mudanças climáticas perigosas?

A resposta, em certo sentido, é que já é tarde demais. Mudanças climáticas perigosas já estão acontecendo. Mesmo que todas as emissões parem hoje, a situação ainda vai piorar, porque o aquecimento depende da quantidade total de gases de efeito estufa presentes na atmosfera, e as emissões atuais vão demorar anos para produzir todo o efeito. Além disso, os processos naturais que removem o excesso de CO₂ da atmosfera levam séculos, ou até milênios, para fazer seu trabalho. É inevitável que mais geleiras e calotas de gelo derretam, o nível dos oceanos aumente e convivamos com mais condições climáticas extremas.

Kevin Anderson, do Tyndall Centre da Grã-Bretanha, faz uma pergunta melhor: quando cruzaremos a linha entre mudanças climáticas *perigosas* e mudanças climáticas *extremamente perigosas*? É claro que isso depende do que queremos dizer com “extremamente”, mas, se concordarmos que

4 Ibidem, p. 8, 2, 7 e 21.

5 Michael A. Lebowitz, *The Socialist Alternative: Real Human Development* (Nova York, Monthly Review, 2010), p. 144. Grifo do original.

o aumento da temperatura global deve ser mantido abaixo de um e meio ou dois graus Celsius, então a resposta é: *não muito tempo*. Para evitar um aumento de dois graus Celsius neste século, a maioria das projeções exigia reduções drásticas de emissões até 2020 e, mesmo assim, após 2050, a maioria exige “emissões negativas” – remoção de CO₂ da atmosfera mediante uso de tecnologias hoje desconhecidas. (De fato, como observou Anderson, muitos dos modelos do IPCC exigem que as concentrações de CO₂ comecem a diminuir a partir de 2010: a menos que se invente a viagem no tempo, essas projeções já fracassaram.)

Portanto, não temos muito tempo. E, dada a recusa dos governantes a agir – ver o fracasso de todas as reuniões da ONU sobre o clima nas últimas duas décadas, que não conseguem adotar medidas concretas contra os combustíveis fósseis –, é improvável que haja tempo para fazer as mudanças necessárias para impedir um aumento de dois graus Celsius.

Se esse limite for ultrapassado, é claro que ambientalistas e socialistas devem continuar lutando para ajudar e abrigar as vítimas das mudanças climáticas e impedir que a destruição continue. Mas, à medida que a destruição aumenta, as barreiras que impedem o desenvolvimento humano sustentável serão cada vez maiores. Como escreve o ecossocialista e cientista atmosférico brasileiro Alexandre Costa, a “luta para evitar um desfecho catastrófico nessa crise gerada pelo capitalismo é a luta para salvaguardar as condições materiais de sobrevivência digna da humanidade [...]. O socialismo não é possível em uma Terra arrasada”⁶.

Não sabemos quanto tempo temos, mas sabemos que a luta simplesmente não pode ser postergada. E sabemos que apenas lutar não é suficiente: para ter sucesso, precisamos trabalhar simultaneamente por mudanças imediatas e defender a visão do mundo que queremos construir. Se de fato quisermos mudar o mundo, precisamos reconhecer e resolver o que o saudoso Daniel Singer descreveu como “o dilema enfrentado por todos os partidos

⁶ Alexandre Costa, “Socialism Is Not Possible on a Ruined Planet”, *Climate & Capitalism*, 17 abr. 2014. Disponível on-line.

socialistas e, na verdade, por todos os movimentos que não se conformam em governar o mundo tal como ele é”:

O problema é que eles precisam lutar dentro da difícil realidade da sociedade existente e oferecer soluções que, mais cedo ou mais tarde, levarão para além dos limites dessa sociedade. Se eles se limitarem a questões relativas ao futuro [...] acabarão quilômetros à frente do movimento, em um esplêndido isolamento sectário. Contudo, se ficarem atolados nas batalhas diárias e ignorarem o futuro, esquecerão que seu objetivo original era remodelar a sociedade para mudar o destino dos trabalhadores [...]. A verdadeira questão [...] é como conciliar os dois, como defender os interesses dos trabalhadores na sociedade existente e transformar essa luta em uma ofensiva geral que desafie os próprios fundamentos do sistema.⁷

István Mészáros faz a mesma observação, de forma mais firme e concisa: “Sem identificar o *destino geral* da jornada, junto com a *direção estratégica* e a *bússola* necessária adotadas para alcançá-lo, não pode haver esperança de sucesso”⁸.

DESTINO: CIVILIZAÇÃO ECOLÓGICA

Nosso objetivo é construir uma *civilização ecológica*, uma sociedade que, como escreve Fred Magdoff, “terá de ser o oposto do capitalismo em basicamente todos os aspectos”.

O capitalismo é incompatível com uma civilização verdadeiramente ecológica porque é um sistema que precisa se expandir continuamente, promovendo o consumo além das necessidades humanas, ignorando os limites dos recursos não renováveis (a torneira) e a capacidade de assimilação de resíduos da Terra (o ralo). Enquanto sistema baseado no individualismo possessivo, ele necessariamente promove a ganância, a competitividade, o egoísmo e a filosofia do

7 Daniel Singer, *Whose Millennium?*, cit., p. 259.

8 István Mészáros, *Challenge and Burden of Historical Time: Socialism in the Twenty-first Century* (Nova York, Monthly Review, 2008), p. 250 [ed. bras.: *O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI*, trad. Ana Cotrim e Vera Cotrim, São Paulo, Boitempo, 2007, p. 226].

après moi le déluge [depois de mim, o dilúvio]. Engels sugeriu que a “verdadeira liberdade humana” só pode ser alcançada em uma sociedade que exista “em harmonia com as leis da natureza”.

Embora seja impossível saber como serão as civilizações futuras, podemos ao menos esboçar as características de uma sociedade justa e ecológica. Quando um sistema se transforma, é a história do país e o processo de luta que produzem uma nova realidade. No entanto, para ser ecologicamente saudável, uma civilização deve desenvolver uma nova cultura e uma nova ideologia baseadas em princípios fundamentais, como a igualdade substantiva. Ela deve 1) proporcionar uma existência humana decente para todos: alimentação, água potável, saneamento, assistência médica, moradia, vestuário, educação e possibilidades culturais e recreativas; 2) eliminar a dominação ou o controle dos seres humanos por outros; 3) desenvolver o controle dos trabalhadores e das comunidades sobre fábricas, fazendas e outros locais de trabalho; 4) promover a fácil destituição de membros eleitos; e 5) recriar a unidade entre os seres humanos e os sistemas naturais em todos os aspectos da vida, inclusive agricultura, indústria, transporte e condições de vida [...].

Ela deveria 1) parar de crescer quando as necessidades humanas básicas forem satisfeitas; 2) não induzir as pessoas a consumir mais e mais; 3) proteger os sistemas naturais de suporte à vida e respeitar o fato de que não temos recursos naturais ilimitados, levando em conta as necessidades das gerações futuras; 4) tomar decisões com base nas necessidades sociais/ecológicas de longo prazo, sem negligenciar as necessidades de curto prazo das pessoas; 5) utilizar, na medida do possível, a energia presente (e também a do passado recente), em vez de combustíveis fósseis; 6) estimular as características humanas e a cultura de cooperação, compartilhamento, reciprocidade e responsabilidade para com os vizinhos e a comunidade; 7) possibilitar o pleno desenvolvimento do potencial humano; e 8) promover a tomada de decisões políticas e econômicas verdadeiramente democráticas para as necessidades locais, regionais e multirregionais.⁹

Nossa geração pode não conseguir concretizar plenamente essa visão, mas podemos lançar as bases do que imaginou um dos pioneiros do socialismo revolucionário e do ambientalismo, o poeta e artista britânico William Morris:

9 Fred Magdoff, “Ecological Civilization”, *Monthly Review*, v. 62, n. 8, 2011, p. 20.

Está claro que a primeira vitória real da Revolução Social será o estabelecimento não de um sistema completo de comunismo em um dia, o que seria absurdo, mas de uma administração revolucionária cujo *objetivo definido e consciente* será preparar e estimular, de todas as formas possíveis, a vida humana nesse sistema.¹⁰

Em *Too Many People?*, Simon Butler e eu desenvolvemos essa ideia da seguinte forma: “Em todos os países, precisamos de governos que rompam com a ordem existente, que respondam apenas aos trabalhadores, aos agricultores, aos pobres, às comunidades indígenas e aos imigrantes – em uma palavra, às *vítimas* do capitalismo ecocida, e não aos seus beneficiários e representantes”.

MARXISMO X PRODUTIVISMO

Como socialistas e marxistas, não compartilhamos a crença “produtivista” irresponsável das décadas de 1950 e 1960. Muitas das críticas sociais a essa crença são amplamente justificadas.

Não é preciso aceitar as previsões de inevitável escassez absoluta de energia e matérias-primas como as formuladas pelo Clube de Roma para compreender que a geração atual da humanidade tem a responsabilidade coletiva de proporcionar às gerações futuras um meio ambiente e um conjunto de riquezas naturais como precondição para a sobrevivência e o desenvolvimento da civilização humana.

Tampouco é preciso aceitar as consequências empobrecedoras do ascetismo e da austeridade permanentes, tão alheios ao espírito básico do marxismo, que é o de aproveitar a vida e multiplicar infinitamente as potencialidades humanas, para entender que a produção cada vez maior de uma variedade infinita de mercadorias cada vez mais inúteis (cada vez mais, mercadorias totalmente nocivas, prejudiciais tanto ao meio ambiente quanto ao desenvolvimento saudável do indivíduo) não corresponde a

10 William Morris e Ernest Belfort Bax, *Socialism: Its Growth & Outcome* (Londres/Nova York, Swan Sonnenschein & Co./Charles Scribner's Sons, 1893), p. 285.

um ideal socialista. Essa produção apenas expressa as necessidades e a ganância do capital de realizar quantidades cada vez maiores de mais-valor, materializado em uma montanha de mercadorias que não para de crescer.

Mas a rejeição do padrão capitalista de consumo, aliada a uma rejeição não menos categórica da tecnologia capitalista, deve se basear, do ponto de vista socialista, em uma luta vigorosa por tecnologias alternativas que ampliem, e não restrinjam, o potencial emancipatório da maquinaria (ou seja, a possibilidade de libertar todos os seres humanos do fardo do trabalho mecânico, mutilador e não criativo, de facilitar o rico desenvolvimento da personalidade humana para todos os indivíduos com base na satisfação de todas as suas necessidades materiais básicas).

Estamos convencidos de que, uma vez que essa satisfação seja garantida em uma sociedade na qual os incentivos para o enriquecimento pessoal, a ganância e o comportamento competitivo estejam desaparecendo, o ímpeto por mais “crescimento” se concentrará nas necessidades de produção “não material” (ou seja, no desenvolvimento de relações sociais mais ricas). As necessidades morais e psicológicas suplantarão a tendência de adquirir e acumular mais bens materiais.

Por mais “impopulares” que tais convicções possam parecer à luz das modas atuais, acreditamos nas capacidades crescentes da inteligência humana, da ciência humana, do progresso humano, da autorrealização humana (incluindo o autocontrole) e da liberdade humana, sem jamais submeter a defesa de tais liberdades (em primeiro lugar, a liberdade de não passar necessidades, mas também a liberdade de pensamento, de criação, de ação política e social) a qualquer instância paternalista supostamente capaz de assegurá-las à humanidade.

Ernest Mandel¹¹

11 Ernest Mandel, *Long Waves of Capitalist Development: A Marxist Interpretation* (ed. rev., Londres, Verso, 1995), p. 80-3. As quebras de parágrafo foram acrescentadas para melhorar a legibilidade.

Sugerimos no livro algumas medidas que esses governos poderiam tomar:

- Eliminar rapidamente os combustíveis fósseis e os biocombustíveis, substituindo-os por fontes de energia limpa, como energia eólica, geotérmica, ondomotriz e, principalmente, solar.
- Apoiar ativamente a adaptação dos agricultores à agricultura ecológica; defender a produção e a distribuição local de alimentos; trabalhar ativamente para a recuperação do solo e, ao mesmo tempo, eliminar as fazendas industriais e o agronegócio poluidor.
- Introduzir redes de transporte público gratuitas e eficientes e implementar políticas de planejamento urbano que reduzam radicalmente a necessidade de caminhões e carros particulares.
- Reestruturar os sistemas de extração, produção e distribuição para eliminar o desperdício, a obsolescência programada, a poluição e a publicidade enganosa, submetendo as indústrias ao controle público quando necessário e oferecendo capacitação a todos os trabalhadores e comunidades afetados.
- Adaptar casas e edifícios para obter eficiência energética e estabelecer diretrizes rigorosas para a arquitetura verde em todas as novas estruturas.
- Cessar todas as operações militares nos Estados Unidos e outros lugares; transformar as forças armadas em equipes de recuperação de ecossistemas e ajuda às vítimas de inundações, elevação do nível dos oceanos e outros desastres ambientais.
- Garantir a disponibilidade universal de serviços de saúde de alta qualidade, inclusive controle de natalidade e aborto.
- Lançar programas abrangentes de reflorestamento, agricultura de carbono e biodiversidade.¹²

Muitas outras medidas poderiam ser propostas. As ações exatas desses governos dependerão das circunstâncias pelas quais chegarão ao poder. Isso

12 Ian Angus e Simon Butler, *Too Many People? Population, Immigration, and the Environmental Crisis* (Chicago, Haymarket, 2011), p. 198-9.

incluirá, é claro, questões específicas dos países onde atuam, como situação econômica, força dos setores reacionários, e assim por diante. A capacidade de agir e as medidas que priorizarão também dependerão da quantidade e da extensão dos danos ambientais locais e globais. Quanto mais tempo a humanidade levar para se livrar desse sistema destrutivo, mais tempo ela levará para lidar com suas consequências.

A transformação exigirá novos conhecimentos e novas ciências. Novos projetos com o escopo e a dimensão do International Geosphere-Biosphere Programme (IGBP) serão necessários para propiciar uma base científica sólida para a tomada de decisões e, sobretudo, para garantir que os esforços para recuperar a saúde do sistema terrestre não causem inadvertidamente novos danos.

DESTINO: SOLIDARIEDADE HUMANA GLOBAL

Para decidir quais ações devem ou não ser tomadas, essa administração revolucionária poderia consultar a Carta para o Desenvolvimento Humano proposta por Michael Lebowitz:

- 1) Todos têm o direito de partilhar do patrimônio social dos seres humanos – um direito igual ao uso e aos benefícios dos produtos da mente e do trabalho sociais – para que sejam capazes de desenvolver todo o seu potencial.
- 2) Todos têm o direito de desenvolver seu pleno potencial e suas capacidades por meio da democracia, da participação e do protagonismo nos locais de trabalho e na sociedade – processo no qual esses sujeitos ativos têm como pré-condição a saúde e a educação que lhes permitam fazer pleno uso dessa oportunidade.
- 3) Todos têm o direito de viver em uma sociedade na qual os seres humanos e a natureza possam ser cultivados – uma sociedade na qual possamos desenvolver todo o nosso potencial em comunidades pautadas pela cooperação e pela solidariedade.¹³

13 Michael Lebowitz, *The Socialist Alternative*, cit., p. 131. Lebowitz descreve isso como uma carta *parcial*, porque é uma alternativa às relações capitalistas, e “não aborda outras inversões do desenvolvimento humano, como o patriarcado, a sociedade de castas, o racismo, a não ser implicitamente”.

No Norte global, em particular, essa carta deve ser vista não apenas como guia para a política interna, mas como referência obrigatória para as relações com os países e povos do Sul. Embora no curto prazo a vitória das forças da esquerda verde no Sul sejam importantes e até mais prováveis que no Norte, sua capacidade de desacelerar a destruição ambiental global é limitada. Para deter o ecocídio capitalista, será necessário que os governos do Norte apresentem os recursos e a vontade de trabalhar em prol da recuperação ambiental global. Esses governos poderão e deverão aceitar responsabilidades em escala mundial e dedicar grande parte dos recursos de seus países à recuperação ambiental. Cuba, que disponibiliza mais profissionais de saúde e assistência médica a outros países do que todos os países do G8 juntos, dá um exemplo de solidariedade humana que os países mais ricos devem imitar em escala muito maior.

Em especial, as nações ricas devem promover concretamente, segundo as palavras de Kolya Abramsky, “fontes baratas (ou gratuitas) e confiáveis de energia eficiente, segura e limpa como um direito humano fundamental, e não como um privilégio ou um serviço”¹⁴. Somente com o acesso universal à energia baseada em fontes renováveis, as injustiças e as desigualdades grosseiras que o capitalismo fóssil nos legou poderão *começar* a ser superadas. Até e a menos que o Norte global ajude nessa transição global, não temos nenhuma justificativa, nenhum direito de nos opor à decisão do Sul de usar qualquer tipo de combustível e tecnologia disponível para melhorar o padrão de vida de sua população.

Não devemos nos iludir: a recuperação ambiental global não será fácil nem rápida. Para citar apenas um exemplo, as Nações Unidas estimam que serão necessários trinta anos para recuperar a terra natal do povo Ogoni, uma área de apenas 621 quilômetros quadrados no delta do rio Níger devastada pela Shell Oil. O delta do Níger é um exemplo

14 Kolya Abramsky, “Racing to ‘Save’ the Economy and the Planet: Capitalist or Post-Capitalist Transition to a Post-Petrol World”, em *Sparkling a Worldwide Energy Revolution* (Oakland, AK, 2010), p. 26.

particularmente terrível do papel ecocida do capitalismo, mas há muitos outros em todo o mundo capazes de acabar com qualquer esperança de que a reversão seja fácil.

DESTINO: ECOSOCIALISMO

Como afirma Fred Magdoff, o capitalismo é incompatível com uma civilização verdadeiramente ecológica. Essa civilização só pode ser uma sociedade socialista, na qual a economia é organizada para atender às necessidades sociais, não para gerar lucro privado, e na qual o poder real cabe à grande maioria, não a um punhado de indivíduos super-ricos e corporações gigantescas.

A palavra “ecossocialismo” migrou do alemão para o inglês por volta de 1980 e hoje é usada por ativistas que concordam que não pode haver uma verdadeira revolução ecológica que não seja socialista nem uma verdadeira revolução socialista que não seja ecológica. O movimento ecossocialista está longe de ser monolítico, mas a maioria dos militantes concordaria que uma sociedade ecossocialista teria de se basear em duas características fundamentais e indivisíveis:

- Ser socialista, comprometida com a democracia, com o igualitarismo radical e com a justiça social; ser baseada na propriedade coletiva dos meios de produção e se empenhar ativamente para eliminar a exploração, o lucro e a acumulação como forças motrizes da nossa economia.
- Ser baseada nos melhores princípios ecológicos, dando prioridade máxima ao fim das práticas antiambientais, à recuperação dos ecossistemas degradados e ao restabelecimento da agricultura e da indústria a partir de princípios ecológicos.

Para dar uma ideia do que isso significa, Joel Kovel, Michael Löwy, Danielle Follett e eu escrevemos a “Declaração ecossocialista de Belém”, em 2008. Ela foi endossada por ecossocialistas de cerca de quarenta países e, portanto, é o que mais se aproxima de uma manifestação de

consenso global sobre os pontos de vista ecosocialistas. A seguir reproduzo sua conclusão¹⁵.

A ALTERNATIVA ECOSOCIALISTA

O movimento ecosocialista visa a parar e reverter o processo desastroso de aquecimento global, em particular, e o ecocídio capitalista, em geral, e construir uma alternativa prática e radical ao sistema capitalista. O ecosocialismo se baseia em uma economia transformada a partir dos valores não monetários da justiça social e do equilíbrio ecológico. Critica tanto a “ecologia de mercado” capitalista quanto o socialismo produtivista, que ignorou o equilíbrio e os limites da Terra. Ele redefine o caminho e o objetivo do socialismo a partir de uma estrutura ecológica e democrática.

O ecosocialismo implica uma transformação social revolucionária, com limitação do crescimento e transformação das necessidades a partir do deslocamento dos critérios econômicos qualitativos para critérios qualitativos, ênfase no valor de uso em vez do valor de troca.

Esses objetivos exigem tanto mecanismos democráticos de tomada de decisões na esfera econômica, que permitam que a sociedade defina coletivamente seus objetivos de investimento e produção, quanto a coletivização dos meios de produção. Somente processos decisórios coletivos e a propriedade da produção podem oferecer a perspectiva de longo prazo necessária ao equilíbrio e à sustentabilidade de nossos sistemas sociais e naturais.

A rejeição do produtivismo e a mudança de foco de critérios econômicos quantitativos para critérios qualitativos exigem que a natureza e os objetivos da produção e da atividade econômica em geral sejam repensados. Atividades humanas essenciais, criativas, não produtivas e reprodutivas, como o cuidado da casa, a criação e o cuidado dos filhos, a formação de crianças e adultos e as artes serão valores fundamentais em uma economia ecosocialista.

15 O texto completo foi publicado em Ian Angus, *The Global Fight for Climate Justice: Anticapitalist Responses to Global Warming and Environmental Destruction* (Black Point, Fernwood, 2010), p. 233-8.

MUDANÇA DO SISTEMA, NÃO MUDANÇA CLIMÁTICA

Uma infinidade de projetos para um mundo ecologicamente sustentável fracassa não porque suas propostas de rápida transição para energias renováveis e reorganização racional da produção e do consumo sejam mirabolantes, mas porque não aceitam que o capitalismo é incapaz de concretizá-las.

Uma sociedade socialista administrada por e para seus produtores associados, como Marx qualificou os trabalhadores, tomaria as alavancas de controle da esteira industrial e a paralisaria para que pudéssemos parar e começar a planejar racionalmente o melhor caminho a seguirmos.

Os gastos militares diretos são de mais de 1 trilhão de dólares por ano, dos quais os Estados Unidos são responsáveis por quase 50%. Quando consideramos também os gastos relacionados, os gastos militares nos Estados Unidos ultrapassam 900 bilhões de dólares. Apenas uma fração desse valor eliminaria a fome e a desnutrição, financiaria a educação de todas as crianças, daria acesso a água e saneamento básico e reverteria a disseminação da aids e da malária em todo o mundo. Também possibilitaria a transferência maciça de tecnologias novas e limpas para o Terceiro Mundo, permitindo que os países pobres não passassem pelo estágio industrial sujo do desenvolvimento.

O fim do domínio capitalista também acabaria com a espoliação e poderia haver um desenvolvimento genuíno no Terceiro Mundo. Com o cancelamento das dívidas, os países pobres teriam condições de iniciar um desenvolvimento limpo.

A riqueza da extinta classe capitalista também traria imensos recursos. De acordo com uma pesquisa da Oxfam, o 1% mais rico da população mundial possui mais riqueza que todos os outros 99% juntos: uma sociedade cujo objetivo é a igualdade substantiva usaria essa fortuna para construir um mundo melhor para todos.

Um planejamento socialista genuinamente democrático poderia redirecionar coletivamente a riqueza da sociedade para a pesquisa e o

desenvolvimento das tecnologias existentes e de novas tecnologias para atender às necessidades da sociedade, ao mesmo tempo que funcionaria conforme a capacidade do meio ambiente de absorver os resíduos. Poderia expandir rapidamente o uso de energias renováveis e eliminar as usinas de carvão e nucleares.

Com estímulo ao investimento socialmente direcionado para a pesquisa e o desenvolvimento, as energias solar e eólica poderiam ser muito mais baratas que as fontes de energia tradicionais. Poderíamos começar a aproveitar a energia do Sol, que todos os dias fornece 17 mil vezes mais energia que a utilizada por toda a população da Terra.

A dependência capitalista de carros e caminhões particulares começaria a ser revertida com a rápida proliferação de sistemas de transporte público gratuitos e de massa. Com o tempo, as cidades não seriam mais projetadas em função do carro particular, mas em torno de centros residenciais, comunitários e de trabalho, interligados por transporte público eficiente.

Em uma sociedade que trabalha em conjunto para produzir o suficiente para garantir confortavelmente o bem-estar físico e mental e a segurança social das pessoas, e na qual os avanços tecnológicos beneficiam a todos, sem prejudicar o meio ambiente, seria criada uma nova definição social de riqueza.

Nas palavras de Marx e Engels, a riqueza seria definida pelo grau em que proporciona meios para que “todos os membros da sociedade desenvolvam, mantenham e exerçam suas capacidades em todas as direções possíveis”, de modo que a “antiga sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos de classes”, seja substituída por “uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos”*.

Terry Townsend¹⁶

* Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto Comunista* (trad. Álvaro Pina e Ivana Jinkings, São Paulo, Boitempo, 1998), p. 59. (N. E.)

16 Terry Townsend, “Change the System Not the Climate!”, *Green Left Weekly*, n. 696, 26 jan. 2007. Disponível on-line. Editado e atualizado com a permissão do autor.

Ar e água limpos, solo fértil, acesso universal a alimentos livres de produtos químicos e a fontes de energia renováveis e não poluentes são os direitos humanos e naturais básicos defendidos pelo ecossocialismo. A formulação coletiva de políticas em nível local, regional, nacional e internacional, longe de ser “despótica”, equivale ao exercício da liberdade e da responsabilidade comunal pela sociedade. Essa liberdade de decisão constitui uma libertação em relação às “leis” econômicas alienantes do sistema capitalista orientado ao crescimento.

Para evitar o aquecimento global e outros perigos que ameaçam a sobrevivência humana e ambiental, devemos eliminar, reduzir ou reestruturar setores inteiros da indústria e da agricultura e desenvolver outros, proporcionando pleno emprego a todos. Uma transformação tão radical é impossível sem o controle coletivo dos meios de produção e o planejamento democrático da produção e da distribuição. Decisões democráticas sobre o investimento e o desenvolvimento tecnológico devem substituir o controle das empresas capitalistas, dos investidores e dos bancos, para que sirvam ao horizonte de longo prazo do bem comum da sociedade e da natureza.

Os elementos mais oprimidos da sociedade humana, os pobres e os povos indígenas, devem participar plenamente da revolução ecossocialista, revitalizando as tradições ecologicamente sustentáveis e dando voz àqueles que o sistema capitalista não é capaz de ouvir. Uma vez que os povos do Sul global e os pobres em geral são as primeiras vítimas da destruição capitalista, suas lutas e demandas nos ajudarão a definir os contornos da sociedade ecológica e economicamente sustentável que pretendemos criar. Da mesma maneira, a igualdade de gênero é parte integrante do ecossocialismo, e os movimentos de mulheres estão entre os oponentes mais ativos da opressão capitalista. Outros agentes potenciais de mudança revolucionária ecossocialista existem em todas as sociedades.

Tal processo não pode ser iniciado sem uma transformação revolucionária das estruturas sociais e políticas, com o apoio ativo da maioria da população ao programa ecossocialista. A luta dos trabalhadores (operários, agricultores, sem-terra e desempregados) por justiça social é inseparável da luta pela

justiça ambiental. O capitalismo, social e ecologicamente explorador e poluente, é inimigo da natureza e dos trabalhadores. O eossocialismo propõe transformações radicais nas seguintes esferas:

- Sistema energético: substituição de combustíveis e biocombustíveis a base de carbono por energias limpas sob controle comunitário: eólica, geotérmica, ondomotriz e, sobretudo, solar.
- Sistema de transportes: drástica redução do uso de caminhões e carros particulares e sua substituição por transporte público gratuito e eficiente.
- Modelos atuais de produção, consumo e edificação baseados em desperdício, obsolescência programada, competição e poluição: produção apenas de bens sustentáveis e recicláveis e desenvolvimento da arquitetura verde.
- Produção e distribuição de alimentos: defesa da soberania alimentar local, eliminação do agronegócio industrial poluidor, criação de agroecossistemas sustentáveis e trabalho ativo de recuperação da fertilidade do solo.

Teorizar e trabalhar para realizar os objetivos do socialismo verde não significa que não devamos lutar por reformas concretas e urgentes agora. Não temos ilusões em relação ao “capitalismo limpo”. Devemos trabalhar para impor aos poderes constituídos (governos, empresas, instituições internacionais) mudanças imediatas elementares, mas essenciais:

- redução drástica e obrigatória das emissões de gases de efeito estufa;
- desenvolvimento de fontes de energia limpa;
- disponibilização de um extenso sistema de transporte público gratuito;
- substituição progressiva dos caminhões por trens;
- criação de programas de despoluição;
- eliminação da energia nuclear e dos gastos de guerra.

Essas e outras demandas similares estão no centro da agenda do movimento Justiça Global e dos Fóruns Sociais Mundiais, que promovem, desde 1999

em Seattle¹⁷, a convergência dos movimentos sociais e ambientais em uma luta comum contra o sistema capitalista.

A devastação ambiental não será detida em salas de reunião, com negociações e tratados: somente uma ação de massas poderá fazer a diferença. Trabalhadores urbanos e rurais, povos do Sul global e povos indígenas em todos os lugares do mundo estão na vanguarda dessa luta contra a injustiça social e ambiental, combatendo as multinacionais que exploram e poluem, o agronegócio que envenena e não tem regulamentação, as sementes geneticamente modificadas que invadem os campos e os biocombustíveis que só agravam a situação de crise alimentar. Devemos promover esses movimentos socioambientais e construir uma solidariedade entre as mobilizações ambientais anticapitalistas do Norte e do Sul.

Essa declaração ecossocialista é um chamado à ação. As classes dominantes encasteladas são poderosas, mas o sistema capitalista está cada dia mais falido financeira e ideologicamente, incapaz de superar as crises econômicas, ambientais, sociais, alimentares e tantas outras que ele mesmo engendra. E as forças de oposição radical estão vivas e em movimento. Em todos os níveis, local, regional e internacional, lutamos para criar um sistema alternativo, baseado na justiça social e ambiental.

E A UNIÃO SOVIÉTICA?

Este livro concentra-se na conexão entre o capitalismo e a crise ambiental global, mas seria desonesto não abordarmos o fato de que alguns dos piores pesadelos ambientais do século XX ocorreram em países que se diziam socialistas.

Karl Marx, exasperado com alguns de seus seguidores franceses, comentou certa vez: “Tudo o que sei é que não sou marxista”. Se ele tivesse vivido no

17 Referência aos protestos de massas contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle, em 1999.

século XX, provavelmente teria dito a mesma coisa sobre as políticas ambientais dos regimes que se reivindicavam seus herdeiros políticos.

Para mencionar apenas um exemplo, na década de 1960 as autoridades soviéticas lançaram um grande projeto de desvio de rios no Cazaquistão, no Uzbequistão e no Turcomenistão para irrigar novas plantações de algodão. As plantações vicejaram, e a União Soviética tornou-se o segundo maior exportador de algodão do mundo; no entanto, a região como um todo sofreu um desastre ambiental sem precedentes. Os rios desviados desaguavam no mar de Aral, na época o quarto maior lago do mundo, comparável ao lago Huron. Em 1989, ele tinha menos de 10% do tamanho original. A água que sobrou estava altamente poluída, os lençóis freáticos estavam contaminados, as fazendas foram destruídas pela salinização e o setor pesqueiro, outrora vibrante, desapareceu.

Poderíamos mencionar também o terrível desastre nuclear de Chernobyl ou o fato de que, na década de 1980, a União Soviética era o segundo maior emissor de gases de efeito estufa do mundo. No papel, a legislação ambiental da União Soviética era excelente, mas a poluição do ar e da água eram problemas crônicos.

Os cidadãos soviéticos e de outros países do bloco acreditavam que estavam construindo o socialismo. Para a maioria das pessoas ao redor do mundo, o socialismo era aquilo. Essas sociedades, independentemente de serem chamadas de socialistas ou de outra coisa qualquer, não eram sociedades solidárias e não estavam no caminho de uma civilização ecológica. O que nos faz pensar que futuras tentativas de construir uma sociedade socialista serão melhores?

Na década de 1920 e no início da década de 1930, a União Soviética era líder mundial em ecologia e proteção ambiental. Foi o primeiro país a estabelecer grandes áreas de preservação e um dos primeiros a proibir a caça de espécies ameaçadas de extinção. Houve um grande apoio a cientistas como Vladímir I. Vernádski, que desenvolveu a teoria da biosfera, e Nikolai I. Vavílov, que rastreou pela primeira vez as origens genéticas das principais espécies de plantas alimentícias do mundo.

Tragicamente, a casta política liderada por Stálin abandonou a visão marxista do socialismo como desenvolvimento humano sustentável, argumentando que a União Soviética poderia superar o capitalismo por meio de uma marcha forçada rumo à industrialização plena, sem desconsiderar os custos humanos e ambientais. Sob Stálin, o movimento ambientalista foi esmagado, as áreas de preservação foram eliminadas e recursos vultosos foram investidos no desenvolvimento irrestrito da indústria pesada. Os ambientalistas que se opuseram foram presos ou executados.

A ecologia soviética renasceu no fim da década de 1950 e, sob muitos aspectos, superou as pesquisas ocidentais. Para darmos apenas um exemplo, Mikhail Ivánovitch Budyko expressou preocupação com o aquecimento global antropogênico na década de 1960 e, em 1980, em seu livro *Global Ecology* [Ecologia global], desenvolveu muitos dos conceitos do que conhecemos hoje como ciência do sistema terrestre. Após o colapso da União Soviética, o trabalho de Budyko se tornou mais conhecido no mundo e, em 1998, ele recebeu o prestigioso prêmio Blue Planet¹⁸.

Na década de 1970, o Estado soviético fez reformas ambientais em resposta à devastação ambiental generalizada de seu território e ao poderoso movimento ambiental liderado por cientistas. Contudo, o apelo de figuras importantes como Evguéni K. Fiódorov a mudanças mais rápidas e mais radicais não foi atendido, e o resultado foi trágico.

As políticas destrutivas de Stálin e de seus sucessores foram uma catástrofe histórica mundial, mas essa experiência mostrou também que há um caminho alternativo. A adoção de políticas ultraprodutivistas e antiambientais foi uma derrota para a causa socialista na União Soviética, não seu resultado. Como disse em entrevista em 2009 Osvaldo Martínez, presidente da Comissão de Assuntos Econômicos da Assembleia Nacional de Cuba, as experiências da União Soviética são uma lição para os socialistas do século XXI.

18 Para uma análise da ciência ecológica soviética após 1950, ver John Bellamy Foster, "Late Soviet Ecology and the Planetary Crisis", *Monthly Review*, v. 67, n. 2, 2015, p. 1-20.

O socialismo praticado pelos países do campo socialista reproduziu o modelo de desenvolvimento do capitalismo, no sentido em que o socialismo foi concebido como um resultado quantitativo do crescimento das forças produtivas. Dessa forma, estabeleceu-se uma competição puramente quantitativa com o capitalismo, cuja matriz de desenvolvimento consistia em alcançar esse objetivo sem levar em conta que o modelo capitalista de desenvolvimento se baseia na estruturação de uma sociedade de consumo irrealizável para a humanidade como um todo.

O planeta não sobreviveria. É impossível replicar o modelo de um carro para cada família, o modelo da idílica sociedade estadunidense, Hollywood etc. – é absolutamente impossível, e essa também não pode ser a realidade dos 250 milhões de habitantes dos Estados Unidos, enquanto o resto do mundo tem enorme retaguarda de pobreza.

Portanto, é necessário criar outro modelo de desenvolvimento que seja compatível com o meio ambiente e que funcione de forma muito mais coletiva.¹⁹

Os fracassos ambientais do bloco soviético no século XX demonstram por que a ecologia deve ocupar um lugar central na teoria socialista, no programa socialista e em todas as suas atividades. Não há garantias, mas nossa única esperança reside na construção de um movimento profundamente comprometido com a substituição do capitalismo por uma civilização ecológica.

19 Osvaldo Martínez, "We Are Facing Something More than a Mere Financial Crisis", *Socialist Voice*, 23 mar. 2009. Disponível on-line.